

Data: 06.11.2019

Título: "Porque é que uma rapariga não há-de gostar de Engenharia Informática?"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 18;19

“Porque é que uma rapariga não há-de gostar de Engenharia Informática?”

Há uma política activa para atrair mulheres para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática e isso vê-se no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Este é o terceiro de uma série de trabalhos feitos a propósito do Dia Nacional da Igualdade Salarial, que se assinala sexta-feira

Área: 1351cm² / 71%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649028

Ana Cristina Pereira

Rita Pereira sempre quis estudar no Instituto Superior Técnico de Lisboa, como os avós e uma tia de que muito gosta. Entusiasmada com a robótica, escolheu o curso de Engenharia Informática e de Computadores. Ao entrar, a rapariga de 18 anos deparou-se com um enorme desequilíbrio de género. “Somos 30 raparigas e 190 rapazes.”

Os rapazes estão em franca maioria naquela que é a maior escola portuguesa de Engenharia, Arquitectura, Ciência e Tecnologia. O número de raparigas está a aumentar desde 2014 mais ou menos 1%, mas os caloiros, como Rita, ainda são 72% rapazes e 28% raparigas.

O maior desequilíbrio regista-se no curso de Engenharia Informática e de Computadores, no Tagus Park. Esse não tem mestrado integrado, é de três anos. E só 7% do total de novos alunos são do sexo feminino. Seguem-se as engenharias de Electrónica e de Computadores (15%) e de Informática e de Computadores (16%), na Alameda. E de Naval e Oceânica (17%) e de Aeroespacial (17%).

Nada que assuste Rita. “Os rapazes são super-simpáticos. E nós, como somos poucas, unimo-nos.” Atribui o desequilíbrio aos preconceitos (“Isto não é um curso masculino. É para todos os géneros.”) e ao desconhecimento sobre saídas profissionais (“Se calhar, se dissermos que uma das saídas é robótica, há mais gente interessada.”).

Por toda a União Europeia, há muito poucas mulheres em STEM, acró-nimo inglês de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. “E isso é o futuro”, abrevia Virginija Langbakk, directora do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE).

A tecnologia está a transformar o mercado de trabalho a uma velocidade nunca vista. Os profissionais daquelas áreas, sobretudo de tecnologias da informação e comunicação, encabeçam a lista de mais procurados. A procura está a crescer oito vezes mais do que a média. E as mulheres não estão a alistar-se.



Só cerca de 17% dos especialistas de tecnologias da informação e comunicação são mulheres. E em diversos países, como Portugal, até tem diminuído o número de mulheres a entrar nestes cursos. “As mulheres são melhores alunas do que os homens,

mas escolhem carreiras que não têm tanta procura e não tem salários tão bons”, ressalta Virginija Langbakk. “Este sector paga bem. E é mais amigo de quem trabalha”, prossegue, numa alusão à qualidade do trabalho e à conciliação entre a vida profissio-

Data: 06.11.2019

Título: "Porque é que uma rapariga não há-de gostar de Engenharia Informática?"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 18;19



nal, pessoal e familiar. Há uma maior autonomia a decidir o horário do trabalho. “Pode-se planejar o trabalho para começar mais cedo ou acabar mais tarde. Pode-se trabalhar a partir de casa”, aponta.

Igualdade no trabalho

Para impulsionar a inovação e o crescimento económico, combater a disparidade salarial entre homens e mulheres, diversos países procuram atrair mulheres para STEM. Em Portugal – além da igualdade de género

no trabalho, no emprego e na formação ser abordada nas aulas de Educação para a Cidadania – há uma política pública específica para atrair raparigas para STEM.

“*O Engenheiras Por Um Dia* nasce

Área: 1351cm²/ 71%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6649028

da urgência de desconstruir a ideia de que os domínios das tecnologias e engenharias são domínios masculinos”, explica a secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro. “Este é um problema sentido por escolas, universidades, empresas e centros tecnológicos.”

O diagnóstico está feito. Rosa Monteiro recorda o Índice de Género 2019, divulgado pelo EIGE no dia 15 de Outubro. “A proporção de mulheres diplomadas nestas áreas caiu de 26,2% em 1999 para 20,6% em 2017, representando apenas 12,8% de estudantes das TIC e 22,8% de estudantes de engenharias.”

Em 2017/2018, fez-se um projecto-piloto com o Instituto Superior Técnico, três empresas tecnológicas e dez escolas. No ano lectivo 2018/2019, já como política pública, o *Engenheiras por um dia* envolveu 11 instituições de ensino superior e 30 empresas. Cerca de três mil alunos participaram em “desafios de engenharia, visitas de estudo, acções de mentora e *role model*, *workshops*, laboratórios de engenharia e tecnologia, campanhas”. No passado dia 15 de Outubro, arrancou a 3.ª edição. Envolve agora, 11 instituições de ensino superior e 35 empresas e 26 escolas.

O Técnico tem a sua própria estratégia para atrair raparigas. Criou um grupo de trabalho, a que chamou *Gender Balance*. Não por idealismo. Por pragmatismo. “Pelos estudos demográficos, a população estudantil vai diminuir. Era necessário garantir que íamos ter mais alunos e que iam ser sempre os melhores”, esclarece Helena Geirinhas Ramos, a professora que coordena o grupo. “O Técnico é uma escola de qualidade, os melhores alunos de Física já vêm para o Técnico, é melhor que as melhores alunas também venham. Não podemos menosprezar 50% da população, não é?”

Para atrair mais raparigas, lançaram o Prémio Maria de Lurdes Pintassilgo. O galardão é atribuído a duas mulheres formadas pelo Técnico: uma antiga aluna com um percurso excepcional e uma recém-graduada que se revele como uma promessa. “O prémio mostra a diversidade dos percursos e releva o trabalho que essas pessoas fizeram, tal como Maria de Lurdes Pintassilgo, que era licen-

“Pensam que não gostam daquilo sem nunca experimentar. Não é preciso trabalhar nenhum físico

Susana Monteiro

Estudante do Instituto Superior Técnico de Lisboa

ciada pelo Técnico e abraçou uma vida política e social”, salienta Helena Geirinhas. Quando se licenciou em Engenharia Químico-Industrial, era uma de três mulheres no curso. Depois do 25 de Abril de 1974, foi secretária de Estado da Segurança Social, ministra dos Assuntos Sociais, presidente da Comissão da Condição Feminina, primeira-ministra (entre Julho de 1979 a Janeiro de 1980).

Redobrando a atenção com a comunicação externa, organizam eventos para promover a rede de contactos, conferências a que chamam “Women In Science and Engineering”, para as quais convidam mulheres empreendedoras. Também fazem parte da iniciativa “engenheiras por um dia”. “Não estamos a convencer ninguém”, salienta Helena Geirinhas Ramos. “O que estamos a fazer é mostrar o que cá aprendemos. Normalmente, fazemos uma coisa activa. Fazemos um comando de um carro ou outra coisa qualquer.”

“Quando eu disse a familiares e amigos próximos que ia para Engenharia Informática não me lembro de alguém dizer “ah, mas isso é um curso de rapazes”, conta Susana Monteiro, que tem 18 anos e frequenta o 2.º ano curso de Engenharia de Informática e Computadores. “Acho que, às vezes, quando digo a alguém que estou em Engenharia Informática ficam assim... Não estão à espera.”

Tem a sua teoria para a míngua de

raparigas em seu redor. “Eu acho que sempre lhes foi posto na cabeça que programar é para rapazes e acho que só isso faz com que as raparigas pensem em não vir para engenharia informática”, diz. “Pensam que não gostam daquilo sem nunca experimentar. Não é preciso trabalhar nenhum físico. Não é preciso sujar, sei lá. Não estou a ver porque é que uma rapariga não há-de gostar de engenharia informática.”

O seu contexto familiar importa. O pai de Susana é professor de informática. “Ele gosta muito e sempre falou bem. Quando comecei a demonstrar interesse, disse: ‘Se calhar podias experimentar programar.’” Também lhe agradeceu o leque de possibilidades que o curso abre. “Não é uma coisa que fecha uma porta, mas que abre muitas outras.” Mais: “Posso estar sempre a aprender.”

Esteve para ir para Medicina. Rita Mendonça e Costa também. “Há aquela ideia de que os bons alunos vão para medicina”, comenta a rapariga, de 23 anos. “Pensava que era suposto eu fazer isso.” No secundário, tudo se tornou mais claro. “Sempre tinha gostado de Matemática e Física e comecei a levar isso para um futuro profissional na área da engenharia.” Com uma média de 19,6 valores, podia escolher o que quisesse. Escolheu Engenharia Aeroespacial.

O pai de Rita, que já começou a trabalhar em França como consultor, também pode ter influenciado a sua opção. “O meu pai é engenheiro mecânico. Desde pequenina, sempre me motivou para as áreas mais técnicas.” Os professores também influenciam. Que o diga a sua amiga Mariana Fernandes, que conta 22 anos, cresceu numa família de advogados do Porto, acabou agora o curso de Engenharia Aeroespacial e já está a trabalhar como consultora em Lisboa. “Tive um professor que me fez apaixonar por Física”, diz. “Havia uma série de engenharias que me interessavam. Quando me deparei com Aeroespacial, pensei: isto tem de ser um sinal. O espaço sempre me fascinou.”

“Temos de dar tempo”

No ano em que Rita e Mariana entraram, só 15 dos 85 caloiros do seu curso eram raparigas. Mariana culpa a

Data: 06.11.2019

Título: "Porque é que uma rapariga não há-de gostar de Engenharia Informática?"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 18;19



História. “Temos de dar tempo”, diz. “As mulheres não arranjavam coisas. Ainda hoje, falha alguma coisa, ligam ao marido, a um electricista, a um mecânico. Esperam que seja um homem a aparecer”, ri. “Também há ideia que as mulheres não têm jeito para as engenharias. Muitos dos melhores engenheiros neste momento são mulheres.”

Rita realça a importância do ensino. Não se lembra de ter feito grandes experiências no básico. “As crianças devem desde cedo ser expostas às áreas científicas e tecnológicas. É uma forma de desenvolver a criatividade.” Susana fala mesmo em programar. “Eu poria toda a gente a experimentar no secundário. A maior parte das pessoas não faz ideia do que é programar. Eu soube porque o meu pai me

mostrou. Acho que há muita gente que nem pensa nisso porque olha para um ecrã preto com palavras escritas, não percebe nada e não lhe apetece muito perceber. Parece que é difícil começar. Se houvesse uma introdução, acho que havia de facto muito mais gente a perceber que aquilo é giro.”

Não basta atrair mais alunas. O Técnico está também a procurar atrair mais funcionárias, investigadoras e professoras. “As organizações de topo que promovem a diversidade nas suas equipas têm melhores resultados”, justifica Helena Geirinhas Ramos. Também querem impulsionar a chegada de mais mulheres ao topo da carreira. Há 24,5% de mulheres na docência, mas só 16% chegam a catedráticas. Julga que para ultrapassar este desequilí-

brio há que derrubar obstáculos “associados à promoção aos lugares mais elevados” e “tornar o Técnico mais amigo das mulheres”.

A medida-chave, em matéria de conciliação, é uma sabática de seis meses. Pode ser gozada por homens e por mulheres – por qualquer membro do corpo docente que tenha antes gozado uma licença de parentalidade de 100 dias. A ideia é que a carreira não seja penalizada pela parentalidade. “O Técnico promoveu esta acção: ‘alguém vai dar as aulas por si e mantém a sua investigação’. Tem é de fazer um plano de trabalhos a dizer o que vai fazer durante os seis meses em que vai estar sem dar aulas.”

acpereira@publico.pt

Área: 1351cm²/ 71%

Tiragem: 72.253
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649028